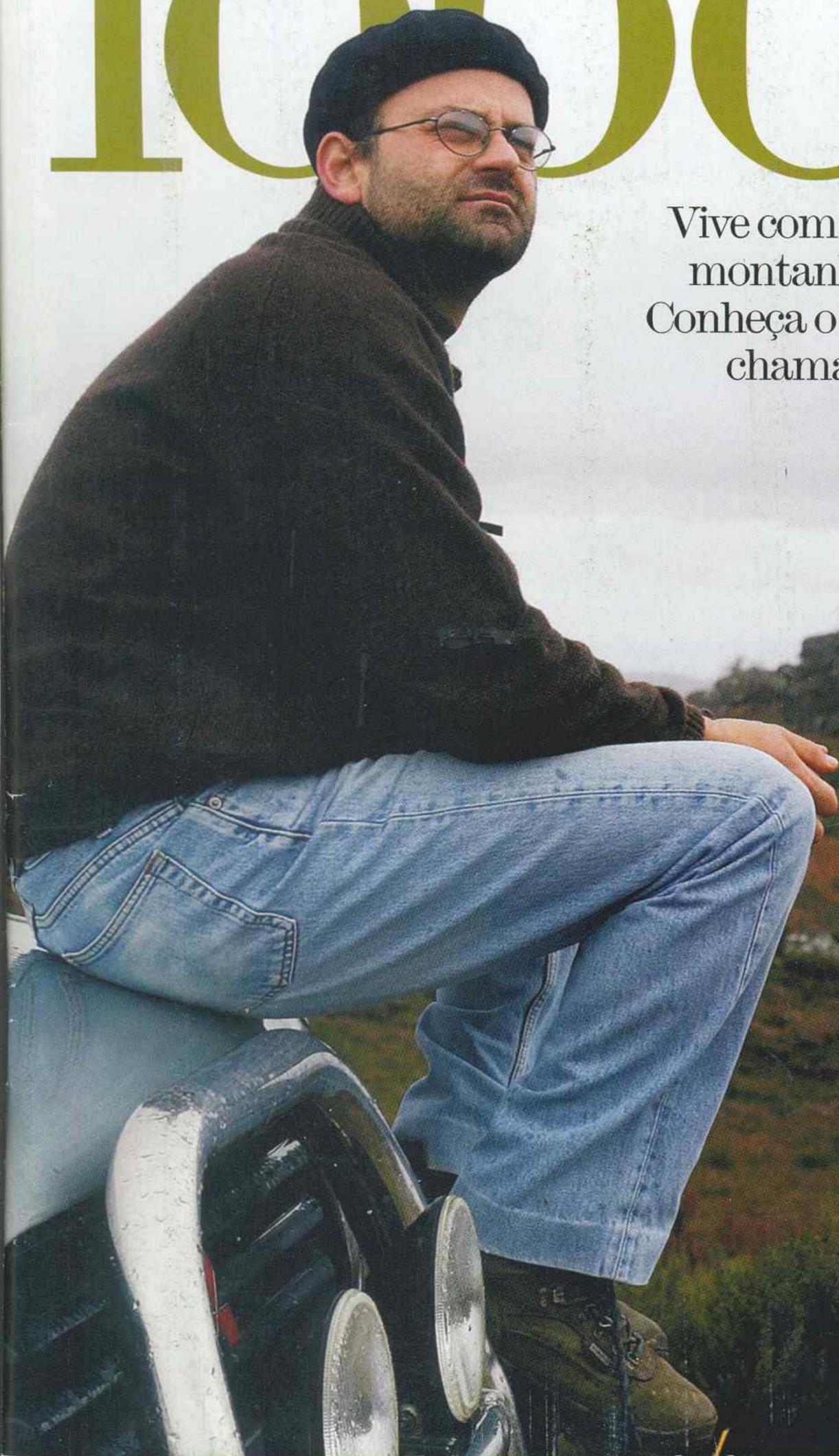


lobos

O Chico dos

Vive com as alcateias nas
montanhas do Barroso.
Conheça o biólogo a quem
chamam lobisomem.



Francisco Álvares
Uivar é a sua forma de
comunicar com os lobos.
E eles respondem.



**Viagens
exóticas**

Praias de
sonho
nunca mais!

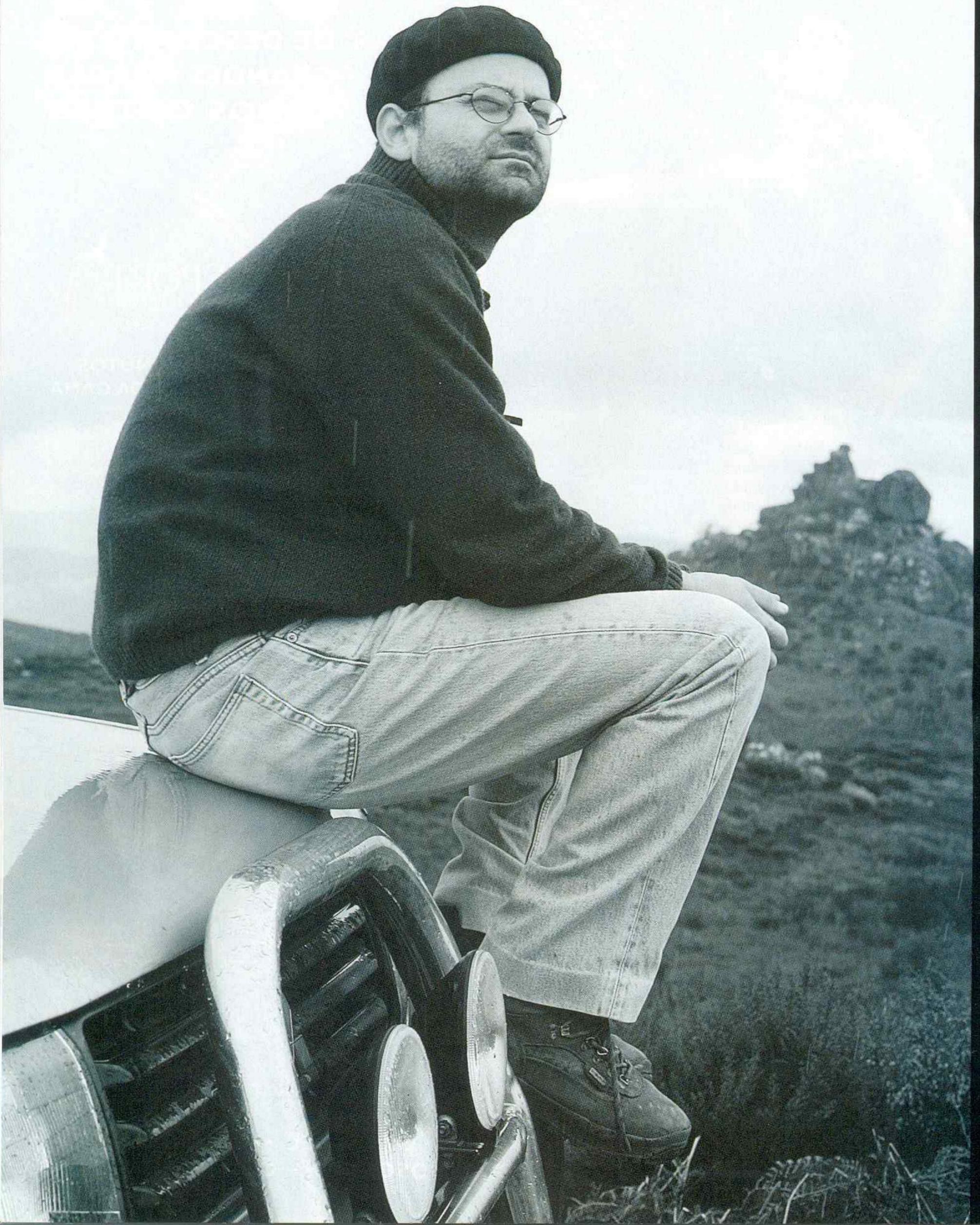
**Augusta
de Sousa**

Os enfermei-
ros devem
dar mais
valor à dor

**Manuel
Ribeiro**

Não merece-
mos os
espertos
que temos

PERFIL



O Chico dos lobos



— Quem percorrer à noite os trilhos do Gerês transmontano é capaz de ouvir um homem falar com os lobos. — Francisco Álvares, 33 anos, passou a última década nas montanhas do Barroso a conhecer as alcateias do Norte da Península. — Ele define-se como biólogo. Mas há quem o trate por lobisomem.

TEXTO Ricardo J. Rodrigues — FOTOGRAFIA Jordi Burch

A

s quatro da manhã, a serra do Gerês afigura-se muito mais pequena do que na realidade é. Os caminhos parecem menos inclinados e o relevo das montanhas desaparece do horizonte. Para a maioria dos humanos, quanto menor é o alcance da vista, maior o medo do desconhecido. Mas Francisco Álvares não pensa assim. É precisamente essa a hora ideal para subir sozinho os trilhos do monte e aproximar-se dos lobos. Quando chega ao cume, dispõe as mãos em concha e aproxima-as da boca. De repente, começa a uivar.

«Conheço o lobo porque tento pensar como ele», diz sem rodeios. E os dez anos de trabalho com o animal confirmam-lhe essa autoridade. Assim que terminou o curso de Biologia na Faculdade de Ciências de Lisboa, nos anos noventa, rumou a norte para estudar a espécie e quebrar o mito de que não existiam no Barroso grupos fixos destes animais. Francisco localizou oito alcateias estáveis e concluiu que, afinal, o Gerês era uma das regiões da Europa com maior densidade populacional de lobo ibérico.

Uivar é a forma de Francisco comunicar com os animais, perceber se a alcateia tem novas crias e contabilizar os elementos de cada grupo. «Eu falo, eles respondem. Um uivo curto e seco é sinal de agressividade, se for mais baixo e prolongado, significa lamento. Uma vez fiquei horas a conversar com um lobo que tinha sido expulso da alcateia, por ter chegado à idade adulta. Estava tão triste e sozinho que quase me fazia chorar.» Também já lhe aconteceram noites em que os predadores se aproximaram muito, uns para defender o território, outros por pura curiosidade. Francisco contorna o medo. «O lobo é inteligente, sabe que o homem não é uma presa, mas uma ameaça. Ao contrário do que se pensa, não atacam as pessoas. Só em casos muito excepcionais.»

No lado transmontano do Gerês, a opinião dos pastores é diferente. O lobo é visto, há centenas de anos, como o principal inimigo. Fala o biólogo: «A existência de gado explica por que existem tantas alcateias na região do Barroso. Há alimento, sobretudo vacas e cavalos. O Gerês é o território onde vive 15 por cento da população nacional de lobos, mas contabiliza metade dos prejuízos causados pela espécie no país. Ou seja, a convivência com o lobo afecta de facto a vida das pessoas. Se nos meios urbanos a consciência ecológica é tão grande que até surge como trunfo político, nas zonas rurais o processo é mais lento, requer outro trabalho.»

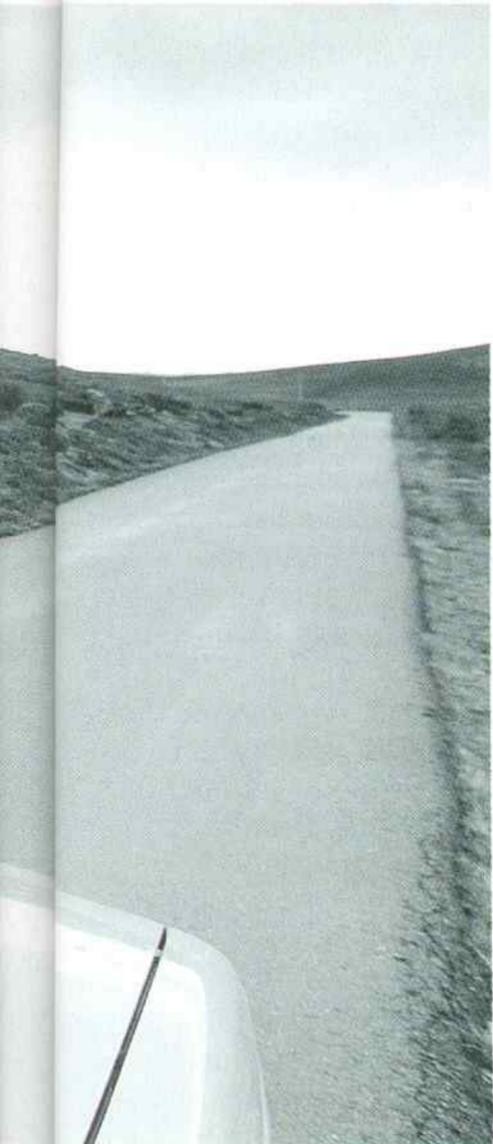


Ao longo de dez anos a trabalhar no Barroso, Francisco Álvares visitou muitas aldeias para explicar a necessidade de preservar o mamífero. Organizou visitas de estudo, programas de rádio e convocou o povo para reuniões. Somou mais vitórias do que derrotas. «Houve uma aldeia onde as pessoas ouviam-me a uivar e pensavam que eu dava de comer aos lobos. Queriam linchar-me, claro. Também já fui agredido por pastores, que achavam que eu soltava os animais. Episódios complicados.»

Quando chegou a Montalegre, julgaram-no lobisomem. Francisco vivia então numa casa isolada na montanha, onde água, luz e gás eram luxos inconstantes. Passava os dias a procurar dejectos e as noites a uivar nos montes, o que ajudava a alimentar o imaginário popular. Mas foi fazendo amigos, que ainda hoje o tratam por «Chico dos lobos». Alcinhas legítimas, se se pensar que Francisco Álvares é uma espécie de eremita da serra que aprendeu a viver em comunidade. A pele de lobo colou-se-lhe ao sangue.

«Já em miúdo queria ser biólogo. Coleccionava esqueletos e penas.» Aos 18 anos apaixonou-se pelos lobos.





Quando chegou a Montalegre tomaram-no por lobisomem. Dez anos depois, o biólogo Francisco Álvares fez amigos entre os humanos da região do Barroso. Hoje, todos o conhecem por «Chico dos lobos».



Diz que se sente mais barroso do que lisboeta, mas na verdade Francisco é sul-africano, ainda que não se lembre dos tempos em África. Veio para a capital portuguesa com cinco anos e as suas recordações de infância são de Lisboa: «Já em miúdo queria ser biólogo. Adorava animais, colecionava esqueletos e penas.» Aos 18 anos, não lhe foi difícil escolher o curso e, assim que entrou na universidade, inscreveu-se como voluntário no Grupo Lobo, uma associação de conservação e defesa da espécie.

Tinha estatuto de estagiário e passou largas semanas no Parque Natural de Montezinho, a estudar as alcateias da zona. Tanto que, quando o enviaram para o Gerês, no final do curso, hesitou: «A minha escola era o Montezinho e lá havia muito mais trabalho feito. A sorte mandou-me para aqui, onde o estudo era escasso.» Hoje, com a tese de doutoramento concluída, Francisco Álvares trabalha no Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto, mas mantém-se activo no Grupo Lobo, onde ainda é investigador.

Quem tem medo do lobo mau?

Hora de jantar. Francisco encontra os amigos no café de sempre, junto ao castelo de Montalegre. Distribui saudações, pede um jarro de vinho tinto, senta-se junto à lareira e fuma calmamente um cigarro. As labaredas iluminam-lhe o rosto e enchem o ambiente de mística. A conversa vai avançando ao mesmo ritmo que os copos são esvaziados. «O Barroso sempre foi uma terra isolada do mundo e é por isso que subsistem aqui tantas tradições medievais. A relação da população com os *bitchos bravos*, como são chamados no dialecto local, é muito forte.»

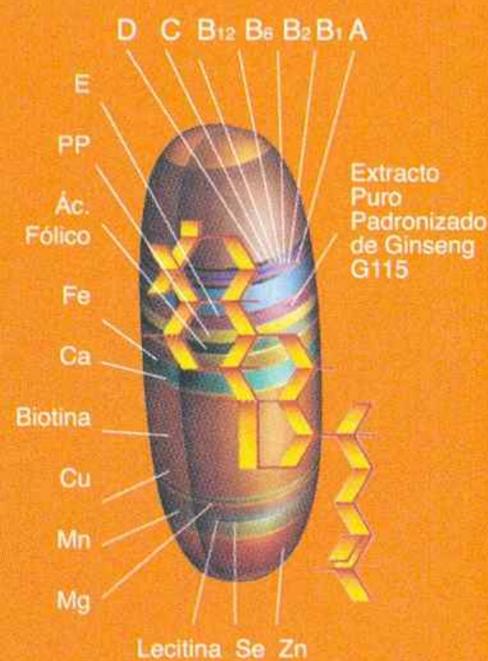
A verdade é que, no lado transmontano do Gerês, ainda há quem acredite em lobisomens. Segundo a crença local, são iguais aos predadores dos rebanhos, mas caminham apenas em duas pernas. «Os velhos dizem que uma pessoa se torna lobisomem se for amaldiçoada pelos pais ou for o sétimo filho varão da família. O feitiço só se quebra se o padrinho de baptismo do rapaz for o seu irmão mais velho. E ainda hoje esta tradição é mantida.» Para Francisco, este é um exemplo daquilo que ele define como lobo cultural. Um ser demoníaco e assustador, protagonista das histórias do Capuchinho Vermelho e dos Três Porquinhos, causador de terror entre os homens. «O exacto oposto do verdadeiro lobo», defende.

No Norte de Portugal, a perseguição conta-se em séculos de história. O Parque Nacional da Peneda-Gerês é aliás o único local da Europa onde existem «fojos do lobo», construções de pedra com dois metros de altura e um quilómetro de comprimento, em forma de V, que serviam para perse-

SEM FÉRIAS HÁ UM ANO?

PHARMATON AJUDA.

Pharmaton® Cápsulas combina numa fórmula única, vitaminas e minerais com o poder revitalizante do ginseng e da lecitina. Basta uma cápsula diária, durante 3 meses na Primavera e no Outono, para sentir que Pharmaton® ajuda.

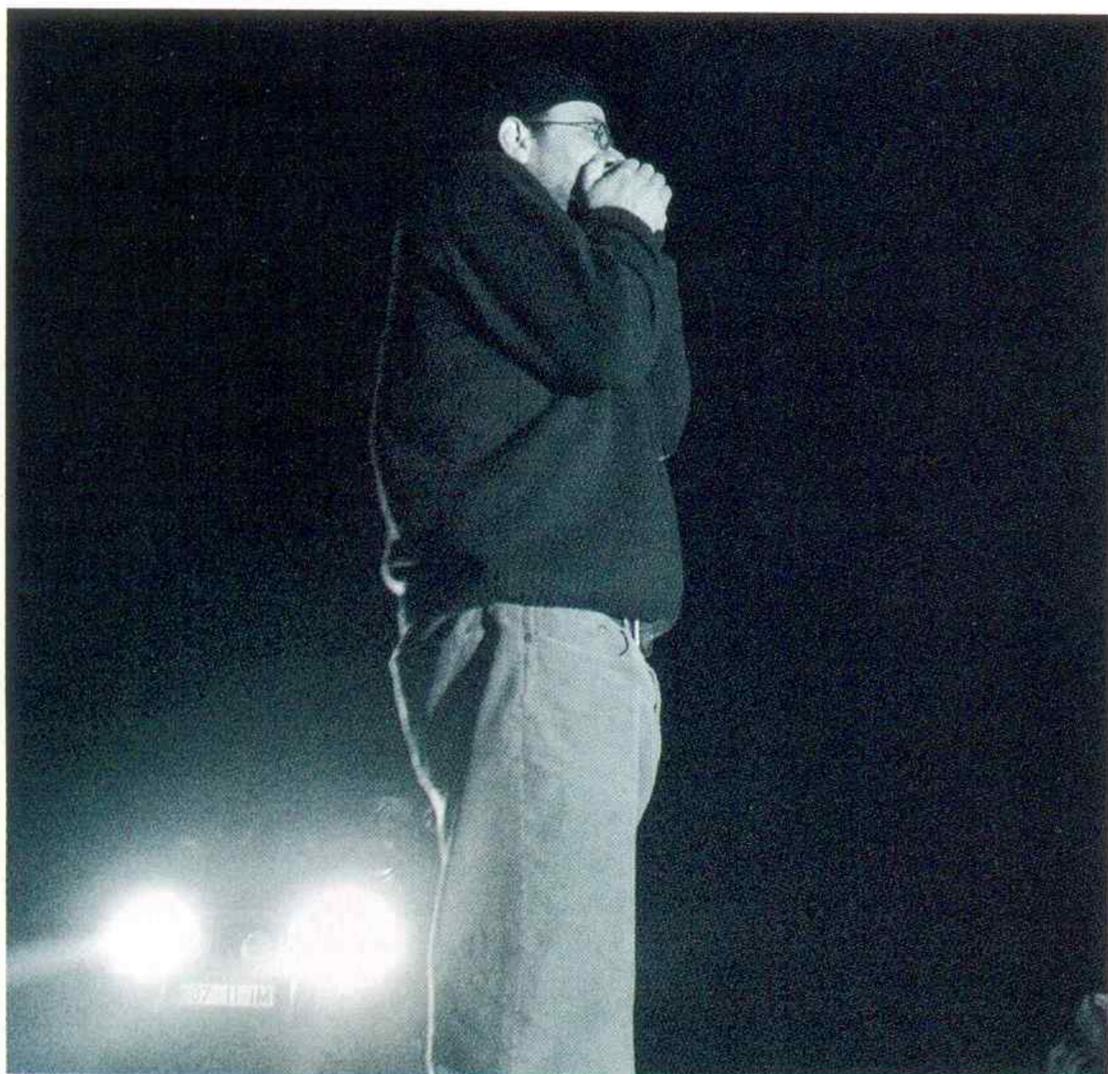


Boehringer Ingelheim



Viva no seu melhor.

Venda exclusiva em farmácias.



guir e encurralar os animais. Algumas dessas armadilhas datam do século xv e têm um valor patrimonial elevado. O facto interessou tanto Francisco Álvares que o biólogo decidiu, na sua tese de doutoramento, relacionar os dados que recolheu com as tradições que foi encontrando. O resultado está à vista: desde que ele chegou ao Barroso, a autarquia de Montalegre já recuperou três fojos.

A vila transmontana está rodeada por bosques densos, sobretudo carvalhais, que o povo acredita serem territórios da Fada dos Lobos, «uma mulher que vive na floresta, tem poderes mágicos e controla as alcateias». Os olhos de Francisco sorriem a contar esta história. Ele próprio acaba por encarnar um pouco dessa personagem mitológica. Além disso, é fascinado pela cultura celta, aprecia a música e o culto que os antigos prestavam à natureza. «Há aqui muitas mulheres ruivas, fortes, que têm traços inconfundíveis. Por exemplo, conheço uma senhora que estava um dia a pastar o gado e um lobo atacou o rebanho. Ela matou-o sozinha, com a ajuda de um cajado. É uma barrosa pura.»

O rol de tradições prossegue, envolvido em vinho tinto. Chico dos lobos recorda que ainda há seis aldeias onde se usam golas para tratar a lobagueira, uma infecção do gado suíno. Quando um *bitcho bravo* era capturado, o povo esventrava-o e retirava-lhe a traqueia. A gola passava de geração em geração e, quando os porcos ficavam infectados, era cumprida uma reza

Uivar é a forma de Francisco comunicar com os lobos. «Eu falo, eles respondem.»



DR

passando água pelo objecto. «Apesar de a morte de um lobo me doer muito, tenho de perceber que, às vezes, é preciso que alguns exemplares morram para equilibrar o ecossistema.» Francisco bebe mais um golo e desvia os olhos para o chão. A última frase foi difícil de pronunciar.

Gúbio, Bandua e Larouco

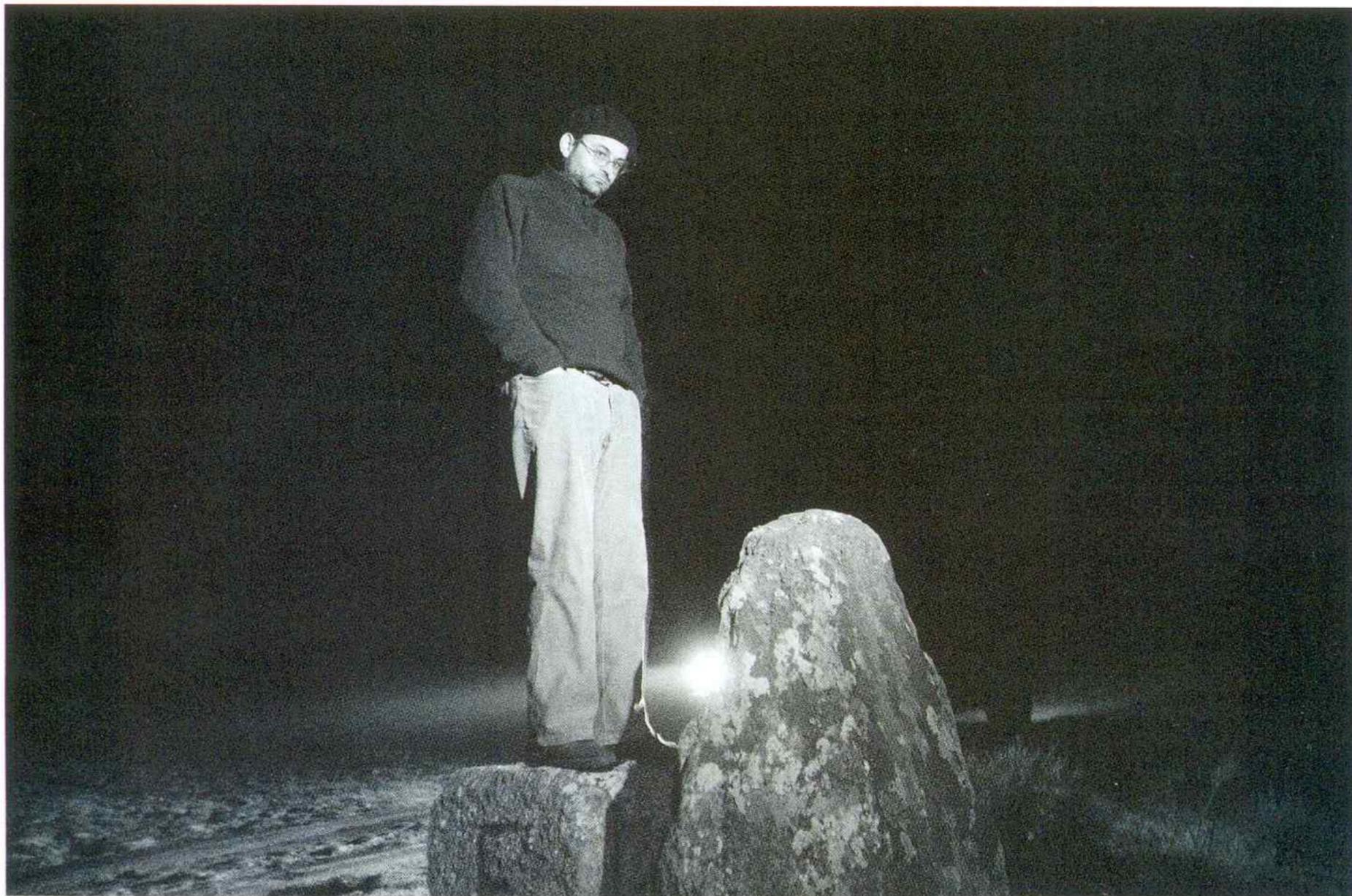
A chuva miudinha desola a manhã no Barroso, mas as condições são as melhores para quem quer avistar uma alcateia. Francisco pega no jipe e regressa aos trilhos da serra, munido com um par de binóculos e uma boina preta. Assim que os vestígios humanos desaparecem de vista, surgem dois corços a galgar os montes. Primeiro momento de felicidade – o biólogo está em casa.

Observar um lobo em liberdade é privilégio de poucos. O animal dá cartas na arte do disfarce, evitando constantemente as clareiras, minimizando os ruídos e caçando sobretudo à noite. Mas dez anos de trabalho garantiram a Francisco Álvares aproximações impossíveis, ao ponto de fazer festas nalguns exemplares. Na sua memória ficarão os animais que acompanhou durante anos. «Apanhei três lobos para lhes colocar coleiras e segui-os através de telemetria. O meu objectivo era estudar as suas movimentações, ciclos reprodutivos, perceber melhor a sua vida. Acabei por ficar muito ligado a eles.»

Chamou-lhes Gúbio, Bandua e Larouco, nomes de deuses luso-galaicos. O primeiro, Gúbio, que também partilha a nomenclatura com o lobo de São Francisco de Assis, mostrou-lhe um dos seus locais preferidos. «Foi a segui-lo que um dia descobri o Avelar, um carvalhal puro, lindíssimo, onde me consigo encontrar a mim mesmo. Se existem gnomo e fadas, eles vivem de certeza aqui.» O cenário é impressionante, composto por um arvoredo denso e centenário, coberto de líquenes. O biólogo apresenta a sua teoria: «Estes animais parecem ter um enorme sentido estético. Escolhem sempre locais lindíssimos para definir os seus territórios.» A imagem poética é superada pela frustração. A Câmara Municipal de Montalegre abriu ali vários caminhos e cortou alguns ramos, o que o biólogo considera um atentado. «Este é um exemplo intocado da floresta original portuguesa. Devia ser preservado, mantido virgem.»

Gúbio morreu pouco tempo depois deste episódio, apanhado numa armadilha para javalis. E Larouco foi envenenado por pastores. Mas, para Francisco Álvares, a maior desilusão foi a morte de Bandua, um lobo que acompanhou desde os nove meses de idade. «Acompanhei-o desde que era cria e segui-o vários meses, por sítios fantásticos. Um ano depois, os pais tiveram outra ninhada e ele foi uma espécie de *babysitter* dos mais novos. Mas isso só durou seis meses. Tal como aos vinte e tal anos chega a altura de uma pessoa abandonar a protecção dos pais, os lobos escoram as crias quando estas atingem a idade adulta.»

Bandua ficou tão assustado que não conseguiu fugir para longe. Passou quatro



meses sozinho, às portas da vila de Montalegre, terrenos demasiado perigosos para um animal selvagem. Francisco teve sérias dúvidas se o animal conseguiria ou não recuperar. Depois, fugiu para a Galiza e passou um ano a vaguear pelos territórios que as alcateias da região rejeitavam. «Para piorar tudo, apanhou sarna à entrada do Inverno e ficou sem um único pêlo a cobrir-lhe o corpo. Mas sobreviveu.» No ano seguinte, Bandua conseguiu finalmente formar um grupo. Encontrou uma loba e chegava a hora de começar a constituir família, quando foi atropelado por um camião. «Fiquei desfeito», confessa o investigador.

Janela indiscreta

O caminho é agora pelo meio de pedras, e marca a linha da raia. À direita, Espanha, à esquerda, Portugal. «Antes da adesão à União Europeia, estas eram terras de contrabando. As pessoas passavam por aqui à noite, para dar o salto ou passar produtos pela fronteira. E nunca foram atacadas por lobos. Isto prova que a espécie não é o demónio que toda a gente pensa», diz Francisco agarrado ao volante. O jipe atravessa uma elevação e começa a descer. Ao longe, vê-se Pitões das Júnias, uma das mais tradicionais aldeias portuguesas.

O biólogo comprou uma casa na povoação. Ou antes, adquiriu duas paredes de uma casa em ruínas, que quer restaurar nos próximos anos. A habitação ficará virada para um vale onde vive uma numerosa alcateia. E, graças a Francisco Álvares, os locais aprenderam que, se uivassem aos lobos, eles lhes respondiam. «Agora, há muita gente a sair depois do jantar para tomar café e começar a falar com os *bitchos bravos*», diz com indisfarçável orgulho. O lobisomem do Barroso, que ali é conhecido por doutor Francisco, encontrou uma legião de seguidores.

Enquanto passeia pelos despojos de pedra que um dia serão a sua residência, ensaia perspectivas para o futuro. «Existem trezentos lobos em Portugal, cinquenta dos quais no Parque Nacional da Peneda-Gerês, mas a população está em regressão. A única forma de tornarmos esta espécie num caso de sucesso é fazer dela uma actividade rentável. A solução passa pelo incentivo ao turismo ambiental e a criação de ecopercurso.» O cientista tentou inclusivamente criar uma associação de exploração dos trilhos do lobo, mas a investigação obrigou-o a adiar os planos.

Francisco abandona a aldeia e encaminha-se para uma ponte romana, no meio de nenhures. É outro dos seus locais de meditação, à beira de um rio onde os lobos sa-

A madrugada é a hora ideal para «falar» com os lobos e observá-los no seu *habitat*.

ciam a sede. Os mamíferos andam escondidos, evitam presenças humanas e, pelo menos por ora, não se aproximam. O biólogo deixa a chuva encharcar-lhe o rosto e mantém-se quieto, a beber a paisagem. Dentro de poucos dias, terá de abandonar o Barroso e ir ao Porto, tratar de burocracias. Está a despedir-se da sua montanha.

A noite cai de mansinho, sem se dar por ela. É tempo de regressar a Montalegre e descansar o corpo, com um jarro de vinho e outra conversa sobre o animal do costume. Mais tarde, quando chegar a madrugada, Francisco voltará a subir a serra em silêncio para falar com os lobos em privado. Com um uivo prolongado e baixo, lamentará uma ausência forçada de alguns dias. E os lobos responder-lhe-ão em coro, despedir-se-ão do Chico, membro da alcateia com plenos direitos. «